



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

6 - MARÇO - 1948

Director: Guilhermé P. da Rosa
Editor: José Benignó Peres

Redacção, administração e oficinas
Rua do Século, 49 — LISBOA

NUMERO 994

O adeus de CARLOS ARRUZA



... muito equilíbrio artístico; como bandarilheiro era enorme, raríssimo de perfeição; e, com a muleta, formidável, variado, dinâmico. No térço de bandarihas vimo-lo muitas vezes zigzaguear, gracioso, bem à vista dos pontudos, e

reunir-se na mesma cara, levantando bem os braços para sair da sorte airosa e dominante. E nos segos em que ele descrevia o semicírculo, ganhando a cara com incrível facilidade! E tudo impulsionado por extraordinárias facilidades.

Com a muleta em punho, fazia um poema de luz, côr e harmonia, cada vez que o touro lhe passava pela faixa.

Para o livro «Lisboa das touradas» buscámos elementos importantes da sua biografia, que aqui

(Continua na pág. 5)

Uma crónica de ARTUR PORTELA

A ROSA DE NEVE

ELE e ela. Há vinte anos que aquela veste de preto, se senta no mesmo lugar, com o mesmo bordado interminável, escorrendo-lhe dos dedos.

Só as mãos calosas estão iluminadas, o resto é sombra e uma voz entrecortada de silêncios algidos.

Há almas para quem é inútil jalar. Já disseram tudo e não se lhes arrancaria mais, da sua pedra fria, do que lágrimas e dores.

De resto, naquele ambiente parado, as palavras têm uma cava ressonância. Parece que falam outros — outra — e não eles!

Na parede, ainda abrangido por um raio de candeeiro, o retrato de uma criança, com a cabeça enfeitada de laços e caracóis, bonito e pretencioso, uma ampliação vulgar na qual a parecença quase desaparece.

O pai e a mãe sabem-no, e, mesmo olhando demoradamente, mal o identificam, como se o enxergassem através de uma névoa.

— Repara! O retrato da pequenita está hoje mais nítido. Diria que se dissipou aquele clarão de fogo que não deixava ver bem, mais do que o seu rosto, a sua alma. Está tão linda assim! Parece que fala!

— Deve ser da luz! De dia é o mesmo! Só o sorriso ficou, fresco e doce como uma flor!

— O sorriso da tua mãe! Porque lhe puseste hoje, ao pé, os seus brinquedos?... Brinquedos mortos!

— E o dia dos seus anos! Como se fora viva!

O homem levanta-se e vai até a janela, que o vento inclemente fustiga.

Um delgado fio de luar escorre do Céu como de uma candêta de prata.

Parece que Branca de Neve passeia entre mundos de luz, com os seus anõezinhos atrás, fazendo pruetas nas estrelas...

Meia-noite! Um rumor de alegria estremece a carcassa do velho prédio. Então, antes que a última badalada caia, irrevogavelmente, no abismo do tempo, o homem vai espreitar o quarto da filha morta, tal qual como ela o deixou, quando saiu no seu esquite branco.

Lá está o sapatinho, côr de rosa e ouro, que parece fulgurar em civilizações de diamantes.

A medo aproxima-se! O que tem ele? O que lhe envia a filha, do azul do Céu, onde ascendeu numa morte como esta, em que a felicidade galopava pela terra no seu corcel de vento, e só ali se deteve, num silêncio trágico, cortando um débil soluço?

Imóvel, repara. Uma rosa caiu sobre o sapatinho, uma rosa de neve que cai lá fora, nesta noite branca e triste de Inverno.

DIZEM os jornais espanhóis, em correspondência do México, que no dia em que apareceram os anúncios da corrida na praça do «El Toreo», para despedida de Carlos Arruza, uma enorme surpresa assaltou os espíritos naquela grande nação, que sente a paixão da festa dos touros e dos seus idoos. E o espanto justificava-se por tratar-se de um artista de rara estirpe, que conseguiu tornar-se famoso à custa de muito ardor e sempre obsecado pela ideia do triunfo, que alcançou com justiça. E não foi apenas no México que se popularizou, mas também na Espanha e especialmente em Portugal, onde obteve substanciais passos decisivos para a sua triunfal carreira.

E foi numa larga expansão do seu valor, da sua arte e das suas faculdades, que atingiu um altíssimo posto na tauromaquia. Com a capa tinha pormenores de

Ingrid Bergman



Ingrid Bergman é a nova «Santa Joana» que Hollywood nos vai oferecer

[Handwritten signature]

os bebês AMOROSOS

POR MANUEL MARTINHO

A Geny fez, agora, dez anos. É uma garota viva, com dois olhos aveludados, expressivos, de boneca. Já pinta as unhas e, sempre que pode, surripia o baton à irmã mais velha, tão velha que tem quinze anos. Usa saltos e meias de vidro e, já, coitada, tão inocente e débil, sofre as inclemências do cabeleireiro, o Tito do Chiado. Não brinca com bonecas, que a maçam — nem nunca fez, à janela, bolinhas de sabão. Tem, em casa, vindos da América, as fotos mais recentes do Thyronne e da Anabella. Conhece mal a primeira dinastia e os afluentes do Tejo, mas sabe, graças a Deus, olá se sabe! os divórcios dos ídolos do «écran». Aliás, aquilo é defeito de família. O pai é Benfica, desde a fundação, e aponta, à maneira de conta corrente, as datas célebres em que o clube mete «goals». A mãe, essa, só conhece duas preocupações fortes na vida: as estreias dos cinemas e os chás nas pastelarias. A Geny, mesmo, só aprendeu a ler para soletrar as legendas das fitas. Já a irmã, que repete, gloriolosamente, o terceiro ano do liceu, num colégio particular, morre de tristeza por não ter nascido na Broadway em vez da Estrêla, freguesia onde se baptizou.

A mocidade, hoje, é toda Hollywood, pelo coração. Agregam ao sentimento vivo da família o afecto distante desses galãs engrandecidos na tela. Como a Geny há um ror de pessoas.

Falam dos artistas, como de pessoas íntimas, é tu-cá-tu-lá. É certo que um «astro» de cinema pertence, por natureza, à multidão. Quando morreu Rodolfo Valentino houve, além de desmaios, quem pusesse luto. Uma senhora romântica da minha privança ainda hoje conserva, em volta do retrato daquele artista, flores viçosas, como preito de homenagem. Às vezes os pobres dos artistas nem sabem o desgosto que dão à corte dos admiradores.

Quando casam — há gente que se morde — e há outras que lhes rogam pragas.

Conheço senhoras que não gostam do Charlot porque o acham leviano. E já uma vez assisti a uma acesa discussão, por via do divórcio da Lana Turner, que foi tão faluda e esculpelizada, como se ela fosse vizinha do bairro da Graça ou visita da casa. Não sei, na verdade, onde esta gente vai descobrir tanta novidade sobre a vida destes fazedores de fitas. A

Bette Davis, por exemplo, que se eu a vir na rua não lhe falo, já me deu um dissabor, porque tentei convencer um auditório feminino de que ela não era tão cinico como parecia nas fitas. Nada me valeu, porque, uma das presentes, sabia tanta coisa acerca da genial artista — desde os vestidos a certas madurezas íntimas — que fiquei perplexo e confundido.



Ora a Geny vai já por bom caminho. Qualquer dia é, como a mãe, catedrática da Universidade de Hollywood. E isto entristece.

A mocidade devia só brincar; correr, saltar, gorgear como os pássaros nos arvoredos e nos jardins. O que será do mundo, amanhã, sem essa alegria descuidada das crianças? E que melhor, para os nossos olhos de contemplativos, do que ver, nas manhãs floridas da Primavera, ranchos alegres de crianças, brincando descuidadas e felizes, nesses jardins, inundados

de sol? Aqui, em S. Pedro de Alcantara, havia muitas crianças. Algumas iam para ali vigiadas pela tutela das criadas, graves misses inglesas, de óculos e «yess» delicados. Sentavam-se nos bancos, costurando, enquanto, à luz do sol, os meninos ricos faziam travessuras. O rapazio, esse, era mais livre. Quem o vigiava era o guarda, velho trôpego, cansado, que trazia uma bengala, não para castigar, mas para ajudar, nas passadas, a perna dorida do reumático. Mas hoje as crianças gostam já pouco de brincar. Quando têm dez anos, anseiam pelos vinte. O tempo é uma tortura. E a mocidade desaparece. Aos dez anos querem ter a maioridade — e aos trinta estão velhos, cansados, com netos ao colo. Felizes das crianças que não têm pressa de envelhecer. Que correm, sal-

tam, riem — num consolo espiritual para os que já vão a caminho da velhice e que se deixaram envelhecer, sem dar por isso. Oh! Jeny, Jeny, para que queres tu ser já mulher?!

Volta às tuas bonecas; deixa-te ficar à janela a ver a rua, a gargarhar, inocente, feliz, como rainha da alegria. Não precisas, ainda, saber de fitas! Lembra-te de que amanhã serás uma mulher. Que tens tempo de ser es-

(Continua na pág. 7)

A RAINHA ELIZABETH e o cinema



Ultimamente estreou-se em Londres um filme dos Comandos Reais, intitulado: "Bishop's Wife" (A esposa do Bispo). Loretta Young, que foi uma das principais interpretes aparece-nos nesta foto fazendo uma vência a Sua Magestade, a rainha, após a exibição do filme. Junto da artista vê-se seu marido observando sorridente.

DUAS GRANDES FIGURAS DO TEATRO LÍRICO



T I T O
S H I P A

B E R N I A M I N O
G I G L I



O ADEUS DE Carlos Arruza

(Continua na página 1)

reproduzimos: Carlos Arruza, filho de pais santanderinos, nasceu no México em 17 de Fevereiro de 1920 — acaba, portanto, de completar 28 anos de idade; veio para Portugal, com seu irmão Manuel, em 1939; regressou à sua pátria e tomou a alternativa no ano seguinte, que lhe foi dada por Fermín Armillita; voltou à terra lusitana em 1942 e 1944, e, já como figura, se estreou em Madrid com enorme retumbância. Foi um autêntico «ciclone» que caiu nos redondéis espanhóis, fazendo estremecer os alicerces dos mélos taurinos, colocando-se, em breve, ao lado de Manolete e competindo ambos, lealmente, para grandeza da Festa Brava.

O público estava exigindo do mexicano o máximo. Havia que arrimar-se aos touros, mais e mais, pisando-lhes terrenos inverossímeis. E de exigência em exigência só se satisfazia vendo o toureiro montar o inimigo!...

Ora foi pensando nisto que Arruza tomou a repentina deliberação de se afastar da profissão, depois de alcançar o que ambicionava: triunfar na sua terra.

Foi no domingo 22 de Fevereiro, passado, Carlos cortou as orelhas do primeiro touro e, no segundo, que derrotava para os dois lados, portou-se com dignidade imensa.

Arrastado o último touro de Carlitos, fez-se silêncio impressionante e veio o velho mestre Samuel Solís cortar a «coleta», em cerimónia simbólica, ao fenomenal toureiro que em tempos idos fora seu discípulo querido. Samuel acompanhou Rodolfo Gaona, nos tempos da aprendizagem, tomou a alternativa e, mais tarde, renunciou à qualidade de «diestro», descendo para subalterno, e depois dedicou-se a mestre de toureiros. Samuel, nas suas declarações aos jornais, nunca disse a idade que tinha; todavia, sabe-se que nasceu em 1880. Dizem-nos também que ainda possui garbo na maneira de andar e que nos seus tempos de rapaz tinha sal por muitas arrobas. Foi este o dedicado professor, que muito contribuiu para a consagração do toureiro que acaba de se afastar.

Um artista na forma em que estava Carlos Arruza faz sempre falta. E no caso presente são oferecidos dois aspectos: os que se relacionam com o artista e com o homem, em que palpitam, numa altíssima graduação, o sentido maravilhoso da técnica e a expressão magnánima de uma generosidade sem limites.

Toureiros com o recorte artístico e psico-lógico de Carlos Arruza nascem lá de tempos a tempos, e, por isso, consideramos profundamente doloroso para a Festa o adeus com que nos surpreendeu.

PEPE LUIS

CRONICA

UMA MULHER...

(Apontamentos de um homem qualquer...)

* Por LUCIA DE CASTRO *

CONHECI a Denise, numa das mais geladas noites que passei em Saint-Moritz.

Neve havia cinco dias consecutivos, e em todas as ruas o gelo amontoado tomava a espessura inquebrável de dez centímetros.

Tiritando, entrei no recinto iluminado e aquecido; fixe-a logo.

E dali... — nem eu sei já bem como foi! — ...enfim, dias depois, Denise acompanha-me para toda a parte, enovelada, com graça bem feminina, dentro do meu carro-flecha. Vivi horas inolvidáveis com aquela criaturinha. Belga pelo nascimento, Denise, tinha, no entanto, uma curiosa mistura de sangues.

Contou-me que era filha de uma húngara aventureira, cujos pais tinham sido alquimistas em Florença, passando depois ao Danúbio como contrabandistas de grande classe... O pai teria sido russo audacioso e empreendedor. Lembra-se... Sim... Os pais estavam agora estabelecidos em Porto-Rico...

Ela passara ali umas férias — bem merecidas férias, acentuava! — após o seu curso brilhante em filologia.

Esta amálgama de sangues fazia da Denise um conjunto bizarro de raças e dava à sua pigmentação o colorido forte dum cor de rosa intenso.

Certo é que, por tudo o que me vinha do exterior e da estranha personalidade daquela mulher, eu adorei-a! E, para que ela não fosse para mim, vagabundo inquieto, apenas o cicerone amável que me guiou nos meandros, iniciando-me nos «bas-fonds» desse Saint-Moritz de branca maravilha, e a jemea banal que me envolbera na trama feiticeira dum amo vulgar, deuse, precisamente, dois dias antes do meu regresso, um incidente deveras engraçado; que para sempre vincou, no meu espírito de homem sensível, o recorte gracioso do lindo perfil da Denise, essa insinuante mulher, bem integrada no século, que podia atravesar pântanos — ia jurá-lo — sem se quer salpicar os pés. O interessante do seu espírito era ver, apalpar, até, o lódo, mas não remexer... Fomos, portanto, a princípio, belíssimos camaradas; depois, ambos sentimos, a percorrer-nos os nervos, esse fluido magnético, que não é possível descrever...

Mas... o incidente?

Sim, o incidente deu-se pela manhã. Eu fora buscar a Denise para

um passeio matutino, de que ela gostava imenso.

A neve continuava a cair, densa, silenciosa, compacta, como certos venenos que se deixam escorrer na alma... As árvores apresentavam-se franjadas de branco, o branco rebrilhante que também tapetava os telhados e se elevava, em volumes duros, nos passeios e calçadas.

Metros andados, no conchego sempre igual do automóvel, Denise pediu: — «Vamos a pé?». Então, fui deixar o carro na garagem mais próxima e dali iniciámos o nosso passeio a pé. A princípio, tiritávamos. Mas dentro de pouco tempo veio a reacção, veio o riso cristalino da Denise, e os flocos, brancos e gelados, começaram de tomar, a meus olhos, cor e forma... Eram um «sonho», alva-dio e lindo...

Ao atravessarmos uma rua, porém, um patinador aprestado chegou-se, ciciando rente à orelha de Denise:

— «Je t'aime!».

Ela nem pestanejou, continuando a conversa, animada, graciosa. Noutra curva mais adiante, surge o mesmo homem e, caloroso, repete:

— «Je t'aime!».

Eu parei. Rangi os dentes, apertando os punhos. Olhei o idiota, que me pareceu um agressor vulgar. Mas o outro não se deu conta da objectiva fuzilante dos meus olhos, e, agora, ainda mais rente à orelha de Denise, disse-lhe pela terceira vez:

— «Je t'aime!».

Num impeto selvagem arranquei o meu braço do de Denise, gritando:

— Infame! — O outro sorria.

Perdi a cabeça e fui para ele de mão erguida. Então, o desconhecido começou a vomitar diálatas em francês. Compreendi que me insultava. Esqueci-me da Denise. Corri sobre o homem.

Ele corria também. E fomos de rua em rua, sobre a neve, escorrega aqui, levanta-te acia...

Dei uma sova no intruso, e... também apanhei!

Depois percorri o mesmo caminho, à espera de ver em qualquer ângulo a Denise.

Mas nada. Nem mesmo no local onde começara a contenda e eu tinha despedido o sobretudo. Destolido e inquieto, tomei o caminho da garagem. Ao entrar, vi-a logo dentro do carro. Pedu-me que fossemos imediatamente para o hotel.

Mensagem de SIMPATIA

DEPOIS da guerra, que impediu o cordeal e salutar convívio entre a juventude de vários países, celebraram-se, agora, na Suíça, os Jogos Olímpicos de Inverno, imponente manifestação de vigor físico, de perfeição atlética e grande beleza espectacular.

As alvas montanhas de Saint Moritz, de uma brancura imacula-



da e cintilante, serviram de cenário a esses jogos de destreza e prodigioso equilíbrio, em que esquiadores, oquistas e patinadores executaram os mais perfeitos exercícios, que deixaram na brilhante alvura dos «caminhos do céu» um sulco luminoso de alegria juvenil e esperança.

Agora, os correios suíços editaram uma colecção de selos, dos quais reproduzimos um exemplar, e que vão correr mundo, como mensagem de simpatia da mocidade desportiva dos varios países que nas majestosas paisagens alpestres celebraram a alegria de viver em fraternal camaradagem.

Sem uma palavra, acedi.

Denise levou-me carinhosamente para a sala de fumo. Estava deserta.

Ela tomou-me as duas mãos, olhou-me bem nos olhos, e batzinho, num segredo encantador, confessou: — «Nunca vi um homem bater-se assim por uma mulher. Pois não sabes que os galanteios aqui são frequentes!? Da mulher depende... Mas o nosso companheiro não costuma tomar essa atitude. No entanto...».

— Tomei-a eu, Denise; sabes por quê?

— ?

— É que sou português...

Ela apertou-me as mãos com mais força. Duas lágrimas lucilaram nos seus olhos dourados. A boca tremia-lhe. E, na sua bela alma de mulher, devia ter ganho volume aquela imagem deliciosamente romântica, que eu lhe tinha esboçado um dia: «Como é diferente o amor em Portugal...».

Nunca mais esqueci aquela mulher...



CURIOSIDADES de estatística

A próxima reunião da assembleia geral da O. N. U. realiza-se, como já foi anunciado, em Paris no palácio Chailot que serviu de cenário à exposição internacional de 1937.

E apareceram já as estatísticas para nos elucidarem sobre alguns curiosos pormenores que dão a medida da importância do famoso Congresso. Temos assim que, além de uma sala enorme para 3.000 pessoas, haverá: 600 gabinetes, 100 dos quais próximos daquele salão; 1.000 telefones e outras tantas máquinas de escrever; 1.250 mesas, 12.000 cadeiras, 2.800 aposentos particulares e 500 guarda-roupas.

Além de outras tarefas nas quais se ocuparão verdadeiros batalhões de funcionários serão preparadas 4.000 refeições diárias.

Realmente a discriminação destes pormenores logo suscita a pergunta: não há problemas de interesse comum político, económico ou social, a debater na magna assembleia internacional? Porque estas estatísticas de mera curiosidade cheiram logo a coisas do passado. Fazem lembrar, por analogia, a extinta S. D. N. Lembra-se? A sua decadência começou quando surgiram curiosidades de estatística para almanaque...

Os bebés amorosos

(Continuado da pág. 3)

crava de tudo — desde o penteado à saia de «godés». E aprende, sobretudo, a olhar a vida de frente. A tela é fantasia — e o mundo não aceita ilusões, mas certezas, presenças duradouras.

Vá, Jeny, vá. Tens aí bonecas. Fazê delas as tuas confidentes. Ouve as histórias da avó, deixá-te adormecer pelos sonhos irrequietos da infância.

E verás que és feliz, Jeny!

E já agora deixa que te diga este segredo:

— A carta que tu escreveste ao Quim, meu afilhado, a pedir-lhe namoro, tem cinco erros! Vê lá, cinco erros! Paixão com «ch» é de palmatória! Vá, estuda.

O Quim espera por ti!

MANUEL MARTINHO

OS POMBOS E AS CRIANÇAS

Esta cena adorável podia passar-se ali no Largo do Carmo ou no Rossio porque é de todos os dias em todas as grandes cidades do mundo. Mas foi em Trafalgar Square, em Londres, que o fotógrafo colheu este instantâneo, que os nossos olhos admiram com ternura

MUSA EM FERIAS

O teu olhar

Vejo no teu olhar tanta tristeza,
tanta doçura e tanta sua vidade,
que juro ser mentira essa crueza
que tentas convencer-me ser verdade.

Quem pode acreditar que olhar tão lindo
oculte a sombra fria dum rancor
e teime assim... com sentimento infindo
labareda atear de acerba dor?

Não, ninguém crê! E para me vingar,
rir do teu riso envolto em desamor,
com ele hei-de acender junto do mar,

pra afugentar dos nautas o pavor,
um luzeiro esplendente pra os guiar
nos caminhos impérvios do amor.

JOSÉ BARAO

Fev. 1948



Este número da «ILUSTRAÇÃO» foi visado pela
Comissão de Censura

OS MELHORES ROMANCES POLICIAIS E DE AVENTURAS



É fácil distingui-los por esta
marca -- a marca de uma coleção
constituída exclusivamente
por obras de escritores célebres,
escolhidas entre as que maior
êxito obtiveram, no Mundo.

A VENDA:

- A MASCARA DE DIMITRIOS**
por Erlo Ambler
1 vol. 12500
- O MISTÉRIO DO PARQUE**
por John Dickson Carr
1 vol. 10500
- O RAPTO DE LADY ÚRSULA**
por Frank Johnston
1 vol. 10500
- UM LADRAO NA NOITE**
por Carter Dickson
1 vol. 10500

- VIDAS PERIGOSAS**
por Paul Cain
1 vol. 12500
- O DEPOIMENTO FALSO**
por E. Phillips Oppenheim
1 vol. 10500
- O FUGITIVO DE DARTMOOR**
por E. Phillips Oppenheim
1 vol. 10500
- O MANUSCRITO ROUBADO**
por Harry Stephen Keeler
1 vol. 12500
- O MISTÉRIO DA AREIA
VERMELHA**
por John Dickson Carr
1 vol. 10500
- O PRISIONEIRO
DE GIBRALTAR**
por Barry Perowne
1 vol. 10500
- O PROCESSO ARCHIBALD
CHALMERS**
por Harry Stephen Keeler
1 vol. 15500
- UM ROUBO NO EXPRESSO**
por Edgar Wallace
2 vol. 12500

EDITORIAL - «SECULO»
41, RUA DO SECULO, 63 --- LISBOA